

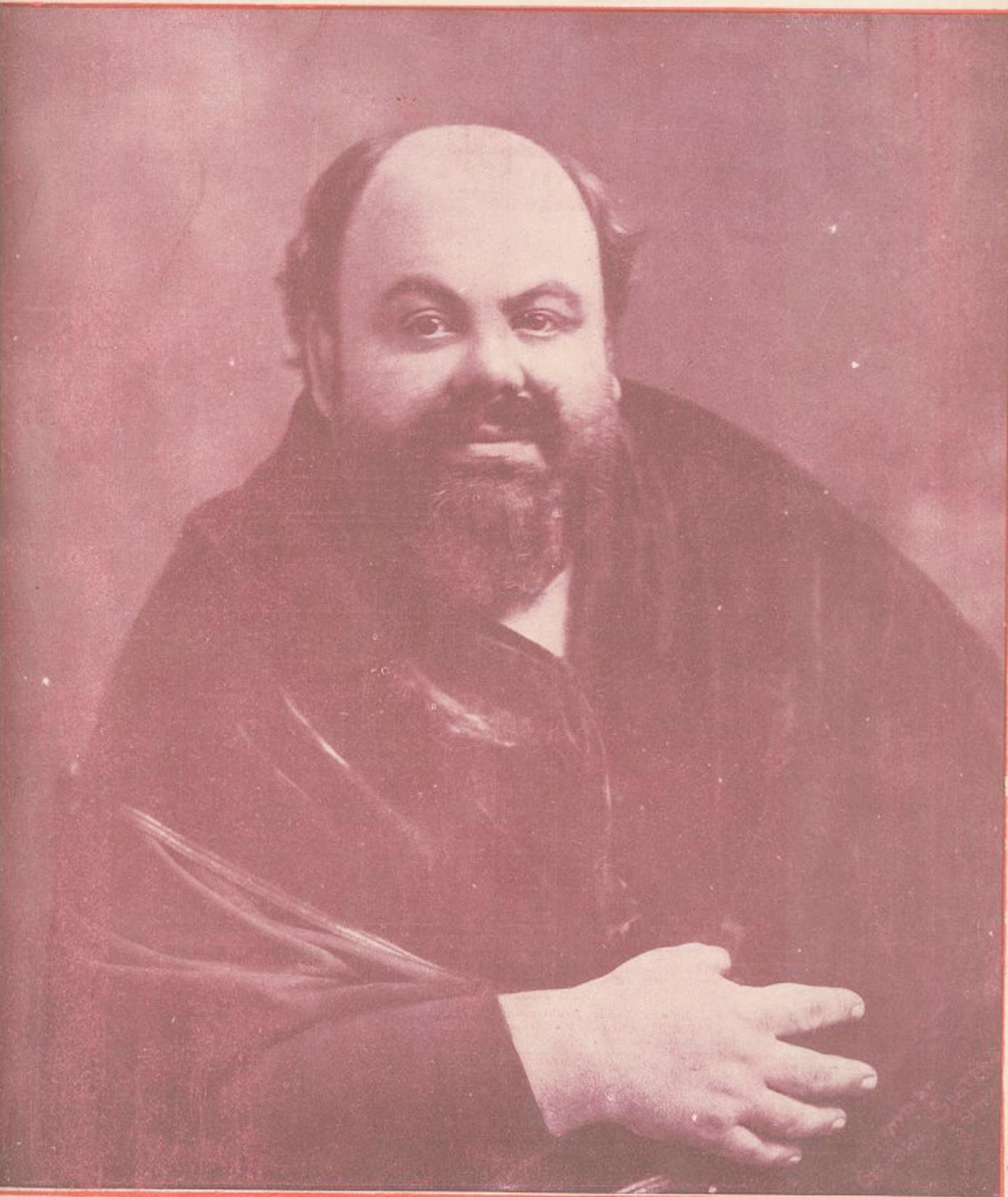
Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias = EDITOR: José Joubert Chaves

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha: Assignatura conjunta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa

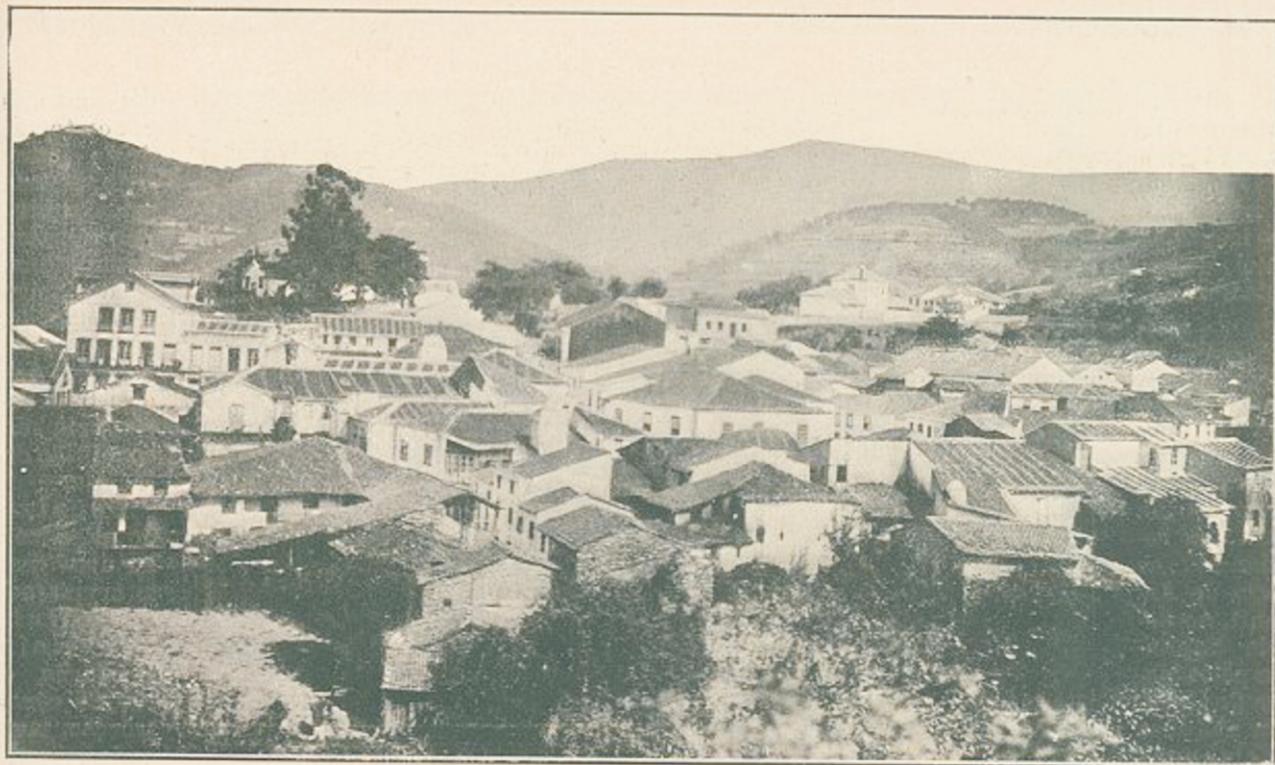
Anno.....	4800	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	Anno.....	8000	Trimestre.....	25000
Semestre.....	2500		Semestre.....	4000	Mez (em Lisboa).....	700
Trimestre.....	1500					

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Formosa



Summario

D. FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO, o «CHICO REDONDO», com 10 illustrações — O LUXO PROHIBIDO, pelo sr. G. de Mattos Sequiera, com 20 illustrações — CASTELLOS, PALACIOS E SOLARES DE PORTUGAL: A CASA D'AZEVEDO, com 6 illustrações — AS MODAS D'ESTE INVERNO — PONHAM-SE DIREITAS, gymnastica infantil, com 7 illustrações — AUTOGRAPHOPHILISMO UNIVERSAL, pelo sr. Patrocínio Ribeiro, com 6 illustrações, etc.



Um trecho de Arganil—Clichés do sr. Braamcamp Madeira

ARGANIL

Pois que alguns publicistas tem consagrado muitas paginas d'esta illustração a curiosos subsidios para monographias de terras portuguezas, tambem eu quero dizer alguma cousa sobre Arganil.

As suas origens parecem variar conforme os archeologos e curiosos que pretendem ter tratado o assumpto. Uns, mais patrioticos e mais commodistas, fazem-na uma povoação celta; outros, indo com a tradição, crêem na uma cidade romana, Argos, fundada ali pelo anno 150 A. C. e muito florescente durante o imperio, estribando-se tambem em certas moedas que o padre Carvalho diz terem apparecido «no seu tempo», cuidando que n'umas propriedades das margens do Alva; Faria e Sousa, no *Epitome das Historias Portuguezas*, segue tambem esta versão, acrescentando que depois a habitaram os arabes, que no anno 716 a invadiram e arruinaram, sem que depois ella conseguisse attingir o primitivo grau de prosperidade; e ultimamente o sr. visconde de Sanches de Frias, dando credito a uma estancia do poeta Braz Garcia de Mascarenhas (natural de Avô, a 20 kilometros de Arganil), julga-a a cidade Aufragia, que suppõe de fundação gallo-celta, alguns seculos antes de Christo.

O documento mais antigo que conheço referente a Arganil, com fóros de authenticidade, é a doação feita por D. Vermudo Peres e sua mulher D. Elvira Draiz ao *Santo Prior Galdrofe*, do convento dos Conegos Regrantes de Arganil, de umas herdades que possiam na freguezia de Folques, — com data de 13 de junho de 1086 (E. C.). — encontrada pelo padre D. Theotónio de Mello e publicada por D. frei Nicolau de Santa Maria na sua *Chronica dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, em 1669.

Em 25 de dezembro de 1114, meio anno depois da morte do conde D. Henrique, deu-lhe D. Tareja

foral, que se encontra no *Livro Preto da Sé de Coimbra*; e no anno de 1122 fez d'ella doação aos bispos d'esta cidade «para o seu bispo D. Gonçalo», de cujo documento consta que antes tinha dado a villa a D. Fernando Pérez de Trava, conde de Trastamarrá, que d'olla fez *doação* por outras terras que a rainha lhe deu.

Tornando depois a villa a cair em poder dos mouros, só no seculo XIII voltamos a encontrar noticias certas d'ella.



Aquelle Affonso Pires de que fala o doutor frei Antonio Brandão na IV parte da *Monarchia Lusitana* e que o infante D. Pedro de Portugal mandou do reino de Leão a Coimbra trazer as cabeças dos martyres de Marrocos era senhor de Arganil pelo anno de 1219, e apparece no *Nobiliario do Conde Dom Pedro* como o primeiro d'*Os de Arganil*. Claro está que, investido no senhorio da villa, juntou ao seu o nome d'ella, fazendo-o preceder da preposição *de*, — consoante os canones nobiliarchicos, a fim de indicar a maneira como havia tomado o appellido.

Pois este Affonso Pires de Arganil houve de sua mulher D. Velasquida de Çamora como filho primogenito a D. Affonso de Arganil de Çamora, que depois veio a casar com D. Estorainha Pais, e d'ella teve alguns filhos que falloceram sem geração, vindo o senhorio a cair em sua filha D. Senhorinha Affonso.

Esta D. Senhorinha Affonso, — ou D. Marinha Affonso, como prefere Baptista Lavanha, contra a opinião do padre Carvalho, — recebeu por marido a Fernão Rodrigues Redondo, talvez um dos poetas da Escola de Santarem, ou pre-dionisica, como a denomina Theophilo Braga, — que no *Cancioneiro*

da Vaticana subscreve as antigas 1147 e 1148, a quem se lhe identifica pelo nome, pela terra natal, e pela época de vida.

Foi este D. Fernão Rodrigues Rondondo que fez construir para sua residência os paços de Arganil, ao depois habitados pelos bispos de Coimbra nas suas permanências na villa, e cujas ruínas foram acabadas de demolir em 1868 para em seu lugar ser edificada a casa da escola do conde de Ferreira. Perto de Arganil, a pouco mais de um kilometro, fez erigir para seu jazigo e de sua mulher uma capella de tres naves de artefactura grosseira, e que ainda hoje, apesar de todas as investidas á mão armada que os tempos e as respeitáveis juntas de parochia lhe teem feito, conserva bem definidos os traços românicos da decadencia. «& por «mudar de parecer, & morrer sem filhos, fez seu «testamento, no qual deyxou que no Paço que tinha feyto em Arganil, se lhe fizesse huma capella, «& boas casas ao redor, em que «pudessem comer, & pousar nove «Capellãens com as obrigaçoens no «testamento declaradas; & quan- «do morresse algum capellão, «que o Juiz de Arganil fechas- «se todos os Capellãens na Ca- «pella para elegorem outro para «Prior».

Feito o testamento de *mão-comum*, resolveu D. Senhorinha Affonso, por morte do marido, ir residir para Santarem, onde nos apparece viuva no anno de 1333, conseguindo—para que a vontade de seu marido fôsse cumprida—que o rei, em 1371, lhe trocasse os direitos, rendas e padroado que tinha sobre a Igreja de Arganil por outras rendas no districto de Santarem, ficando tambem com o padroado da Igreja de S. Nicolau, onde instituiu uma capella sob a invocação de S. Pedro, com todas as disposições que o marido deixára para a de Arganil, onde afinal fez seu jazigo.

Cuido bem que o facto da capella de S. Pedro hoje não ter abobada, e ter em seu lugar uma cobertura travejada de apparencia mais



Capella de S. Pedro

ou menos recente, se deve attribuir a esta saída subita, a acompanhada mudança de jazigo do marido, que certamente fez desistir a donataria da conclusão da capella.

Debaixo do altar-mór ha uma vasta crypta sepulchral, que mais evidencia o fim da construcção, mas onde ha muito tempo ninguem vae.

Ficou portanto o padroado da igreja e a jurisdicção sobre Arganil pertencendo á Corôa, até que D. Affonso IV, em 1392, fez d'ella doação a sua neta D. Maria, filha de D. Pedro e D. Constança, como dote do seu casamento com o infante D. Fernando de Aragão (*História Genealógica e padre Carvalho*). Como, porém, ambos morressem sem geração voltou a villa para a posse da Corôa, até que D. João I, em 1423, a deu com todas as suas jurisdicções, excepto o padroado da Igreja, a Martim Vasques da Cunha, que pediu esta honraria—ao que parece—«por ter grande parentesco com os Cunhas de Pombeyro». A verdade é que o novo donatario não esteve muito tempo na posse da villa, porque no anno de 1432, nove annos depois da sua doação, pediu ao rei que o auctorisasse a trocá-la com o cabido de Coimbra pelo couto de S. Romão e pelas terras que em Belmonte e seu termo o cabido possuia.

Segundo uma noticia do estudioso de velharias de Arganil, Mem Socio—sr. Luiz Sotomayor de Sá Nogueira (Sá da Bandeira)—ahi por 1755, pouco mais ou menos, o bispo de Coimbra D. Fernando Coutinho, já então donatario d'esta villa, como acabamos de ver, deu-a em fóro a Diogo Soares de Albergaria, companheiro do condestavel D. Pedro, aio de D. João II, e testemunha no contracto de casa-

mento da infanta D. Joanna com Henrique IV de Castella, e a sua mulher D. Brites de Vilhona, madrinha da pia de D. João II, aparentada com a



casa de Bragança, por via de D. Alvaro, conde de Tentugal (hoj duque de Cadaval), filho do 4.º duque de Bragança D. Fernando I. Parece que por uma clausula de doação régia, Diogo Soares de Albergaria, filho de Fernão Gonçalves de Figueiredo, descendente do condestavel por seu quinto avô D. Ruy Vasques Pereira, irmão de D. Alvaro Gonçalves Pereira, prior do hospital e pae de D. Nuno Alvares Pereira, tomou os seus apellidos de seu avô materno.

Estando assim o senhorio de Arganil pertencendo á Sé de Coimbra, D. Affonso V, em 1471, para premiar os altos serviços que nas conquistas de Arzila e Tange lhe prestou o bispo D. João Galvão lhe deu para elle e para os seus successores o titulo de conde de Arganil, que, como é geralmente sabido, ainda hoje é usado pelos bispos de Coimbra. «E porque as cousas dadas por honra e dignidade, — accrescentou o rei no padrão do titulo — não devem trazer consigo diminuição alguma do já adquirido, e ganhado, queremos, e mandamos, que por causa da dita dignidade do conde, sua Cathedral Egreja, nem elle dito Bispo, nem successores seus Bispos de Coimbra, terras, lugares, villas, quintas, coutos, jurisdicções, homens, nem vassallos da dita Egreja, não sejam a nós, nem a nossos successores, nem a Corôa dos nossos Reynos, em cousa alguma d'aqui em diante mais sujeitos, teudos e obrigados, do que seriam se simplesmente fôssom Bispos de Coimbra, e do que foram atégora em tempo de seus antecessores». A mercê é de D. Affonso V...



Um trecho do tecto da egreja-matriz, mostrando o retrato de um dos beneficiados que mandou fazer a sua pintura, tendo ao lado a inscripção

querer regressar á terra a que pertence — foi-lhe dado por D. Manuel a 8 de junho de 1515. É escripto, como todos os documentos da epoca, em pergaminho, a letra gothica e preta e algumas linhas a tinta encarnada, sendo as letras iniciais do periodo em tinta azul com ornatos de phantasia.



Alto relevo da sacristia da egreja matriz

primeiro apontar o estado verdadeiramente lastimavel a que chegou a casa portugueza do seculo XVII, solar dos Perdigões Villas-bôas, e sobretudo

O segundo foral de Arganil, que agora (por minha interferencia, visto que a camara municipal, a que de direito compete vigiar pelo seu archivo, descurou por completo o assumpto, e só tarde e a más horas, muito instada, se resolveu a tratá-lo de largo) depois de uma longa e atribulada peregrinação por mãos de estranhos, parece

A proposito dos donatarios da villa referimos a descripção de alguns monumentos de outras eras que Arganil ainda hoje conserva, e que seculos em fóra tem arrostado com a inclemencia vandalica dos naturaes e sobretudo — para edificação de estranhos... — dos modernos poderes publicos, para que no geral são escolhidos de preferencia galopins boçoes, ineptos e inhabeis, que tem votos e sabem assentar o seu nome; a conservação de certos edificios que basilam estadios na historia d'esta terra impunha-se aos seus dirigentes, se n'ella houvesse alguém que ol'asse para estas cousas com olhos de vêr. E, já agora, não quero passar a descrever alguns outros monumentos dignos de menção, sem



O volume da *Semana Santa* do hebdomadario da egreja de Santa Cruz, hoje na de Arganil

do a sua capella, mandada construir pelo padre João Chrisostomo de Figueiredo Perdigão Barreto Villas-bôas, onde existe o precioso retabulo da *Cria* que o particularismo inconsciente tem applicado em arrumação de velhos materiaes de construcção ou palheiro de feno; e sobretudo os *retouques* que a capella de S. Pedro supportou nos começos do terceiro quartel do seculo XIX, epoca em que foi *dotada* com uma cimalha, caindo-lhe as suas pedras alternadamente *para dar á construcção um sabor moirisco*, o qual me permitto apodar de *estyllo parochial*.

E agora começaremos pela egreja matriz.

Foi construida no seculo XVI, mas da parte primitiva pouco resta hoje, tantas tem sido as reconstrucções e os acrescetos que a necessidade de amplificar o templo parochial da freguezia, dia a dia crescente em população, tem motivado.

Ao que parece, soffreu na segunda metade do seculo XVIII r dicações modificações, como a construcção da frontaria, simplissima e banal construcção do seculo, a dos cores e portas exteriores que a elles dão ingresso, a curiosa pintura do tecto, e a obra de talha do altar-mór, fria e carregada, porventura construida algumas dezenas de annos atraz.

Mas o que de todo se impõe a quem entra, é a preciosa capella Renascença, fronteira á capella do Sacramento, jazigos das familias locais ultimamente representadas pelos Mellos de Bulhões, cujo ultimo descendente, D. José Maria de Vasconcellos de Azevedo e Silva de Carvajal — por casamento com sua prima D. Maria Isabel de Mello Freire de Bulhões, terceira filha de José Feliciano de

Mello Godinho de Bulhões e de sua mulher D. Thereza Rita Freire de Vasconcellos Castello Branco — foi o primeiro e ultimo visconde o conde da Quinta das Cannas. Esta capella, encimada por um escudo espartilhado com as armas dos Sôusas, Teixeiras, Costas e FONSECAS, é toda construida de pedra de Açã e servida por uma vasta crypta sepulchral abobadada da mesma pedra; o documento da sua demarcação tem a data de 12 de novembro de 1658.

No pavimento superior encontra-se uma inscrição tumular, orlada d'uma cercadura Renascença, de desenho igual ao das columnadas do portico, que nos dá conta de estar ali sepultado Pedro da Fonseca, cavalleiro professo do habito de Christo, capitão-mór das villas de Arganil e Celaviza e administrador das minas do ouro de Folques, porventura o primeiro que occupou o sepulchro subterraneo e que no *Livro da Comara*, de 1651, excepcionalmente conservado no archivo com mais alguns, nos apparece como juiz ordinario da villa, sendo pelos mesmos annos provedor da Misericordia.

Os maiores damnos causados na capella foram os produzidos pelo arrançamento d'umas grades que a separavam do resto da egreja, que, com o triumpho das idéas liberaes, alguns populares levaram a effeito, em 34.

A restauração conscienciosa d'esta capella impõe-se, tanto mais que o tecto abobadado, a parte mais deliada, ameaça desabamento, tendo já algumas peças sido substituidas por outras de madeira.

Imagens de valor não as tem a egreja. Apenas na sacristia um quadro representando a primeira queda de Christo, collocado em pessimas condições de luz e deteriorado pelo tempo, parece mostrar duas figuras boas; e um alto relevo, de que damos a reproducção em photographia, mostra certa vida e certa correcção.

O tecto é formado por cinco ordens de quadrilateros justapostos, separados por uma moldura de madeira, onde um mau pintor do visinho logar



Jazigo dos Mellos de Bulhões, na egreja matriz

das Seccarias — Oliveira Trovão — pintou scenas bíblicas e allusões aos doutores da Igreja, e — segundo é cronça local — o retrato de alguns reitores e beneficiados do Arganil. No d'um d'estes estampon n'um coração branco a seguinte legenda: *Esta obra mandarão fazer os RR. P. Manoel Vellozo de Paiva & seus irmãos Ord.º José d'Almeida Vellozo & Ord.º Ant. da Silva Vellozo Desta V.º d'Arganil. Anno de 1762.*

Entre as raras preciosidades que a egreja guarda quero distinguir o chamado Livro das Trevas, precioso manuscripto do penultimo seculo, e m letras iniciacs desenhadas a ouro e côres, que mede 1^m x 70 e reproduzo em photographia. É a o volume da Semana Santa do hebdomario de Santa Cruz de Coimbra d'onde foi trazido, com mais dois volumes, pelo reitor Costa, que em 1834, auctorisado pelo bispo, lá foi escolher do que ainda encontrasse o que fôse util á sua egreja.



Interior da capella de S. Pedro

D'ella passarei á Misericordia, cuja indicação conhecida com mais antiguidade é o compromisso de 1642 e a carta régia de D. João IV que lhe annexa a confraria da Conceição, até ahí com administração autonoma. Parece ter sido instituição importante — como aliás ainda hoje é visto que no seculo XVIII tinha á sua testa gente das mais gradas familias doreino, referidas pelo padre Carvalho: Tavoras, que deixaram de usar o nome depois da conspiração; Mellos de Bulhões; Figueiredos (Villas-bôas) de quem hoje é representante a familia Figueiredo Perdigão; e Furtado de Mondonça, representado ao presente por via feminina — a unica que subsistiu — os quaes obtiveram de D. José em 30 de agosto de 1760 uma provisão concedendo á Misericordia o privilegio da renda dos abarçamentos da feira de Mont'Alto, e outra concedendo-lhe o privilegio de conduzir á sepultura todos os falleidos da freguezia em osquife seu, mediante remuneração dos desnecessitados.

O alegre templo da Misericordia que hoje vemos nada tem da primitiva e acanhada capella, totalmente reconstruida em 1777, e que depois de ter servido de quartel e deposito de munições a lord Wellington e ás suas tropas, em 1839, foi reformada em 1870, anno em que as gerencias iniciaram os trabalhos successivos de melhoriação. Em 1879 foi instituida legataria da maior parte dos bens da condessa das Cannas, com a obrigação de

fundar um hospital na sua casa nobre de Arganil, em bem «normaes circumstancias».

O avô da condessa havia consignado n'um livro de apontamentos um *Auto de Lembrança* onde notificava dois vinculos da familia, um dos quaes instituido em 1715 por um seu antepassado, Manoel de Mello Collaço Gentil-Homem de Bulhões, fazia constar aos futuros que «todo aquelle de meus successores que fallecer sem geração, ficarão os seus bens pertencendo á Misericordia de Arganil». Este caso se vinha a dar com a condessa; e se bom que os vinculos apenas pudessem ter então auctoridade moral, parece que d'essa auctoridade se valeu alguém para a levar a que o destino da maior parte da sua fortuna fosse o dosejo do seu remoto avô.

No lugar em que assentava o seu solar existe hoje o hospital, habitação ampla e moderna que satisfaz a todos os requisitos exigidos, e cuja inauguração solemne teve lugar em 1886.

Cerca de seiscentos metros a nascente da villa ergue-se o Mont'Alto, em cujo cume existe uma egreja consagrada á Ascensão, com que a devoção local e mesmo afastada tem grande apego. Do alto do monte que se alevanta, só, no meio da extensa varzea em que assenta a villa, limitada ao fundo pelo Alva, vê-se desenrolar para norte toda uma serie de montes, uma extensa fiada de povoações que ao longe termina por Vizeu, coroada pela serra do Bésteiros; para oeste o fundo do Bussaco, com a Cruz-Alta a anavaliar o azul do espaço.

A mais antiga noticia que até nós chega sobre o Mont'Alto é a memoria do *Santuário Mariano* que transcreve a lápide que sobre a porta principal da egreja se mostrava e rezava assim: «*Esta Igreja mandou fazer Francisco Pires, filho de Domingos Pires, natural desta villa, por seu irmão João de Coimbra, no anno de 1521*». Cuido bom no entanto que não seria esta a primitiva construcção, já porque a tradição local dá conta de uma capella onde em principio fôra collocada a imagem da santa, e depois cognominada do Mont'Alto, que o povo accrescenta na sua ingenuidade *ter apparecido miraculosamente n'aquelle sitio*, já porque tenho fortes razões para crer que a feira do Mont'Alto, de começo feita junto á egreja, transportada no seculo XVIII para o sopé do monte, e modernamente para o Passo (plano junto ao largo Ribeiro de Campos), remonta ao seculo XIV, razões que expdanearei detalhada-

mente n'um capitulo consagrado ao assumpto da minha proxima monographia local — *Arganil*.

A capella de João de Coimbra não é, pois, — e n'isto vou feito com a opinião exposta pelo sr. padre M. Rodrigues no seu trabalho sobre o Mont'Alto — mais que a reedificação e ampliação com visos a templo, feita por este certamente em virtude de alguma promessa, como as que dão conta os registos de *viduages* suspensos da parede da entrada, onde se pôde vêr a grande crença — hoje muito abatida — que sobretudo no seculo XVII havia com esta imagem, mesmo a grandes distancias da villa.

A igreja, que ainda hoje auffer optimos rendimentos de promessas e dadivas, nada tem já, ao que creio, da construção de 1521, cuja inscripção ha muito desapareceu. Compõe-se em grande parte de modificações que no ultimo seculo lhe introduziram, afóra linhas geraes, altares, e a casa que rodeia a igreja no angulo nascente-norte, chamada — das hospedarias, — feita, ao que presumo, na ultima dezena do seculo XVIII, talvez na mesma occasião em que se construiu a igreja do Senhor d'Agonia (1796) no fundo do monte no plano dos Passos que o sobem, servida por identicas *moradas de conventos*, que mantem o plano acanhado das casas rusticas d'esse seculo.

Modernamente atravancou-se o largo onde o Santuario se levanta com um mono de cantaria que serve de capella com a invocação da Senhora de Lourdes, e o contrasenso dirigente pretendeu o lado d'esta ergue: out a destinada a Precepio, collocando-o assim depois da Ascensão e de todos os Passos, como vamos vêr.

Um pouco abaixo da igreja está a capella do Espirito Santo, a mais recente de todas (1882-83), exposta á benção em agosto de 85. Parece que a sua imagem é muito antiga, sendo de novo incarnada e dourada com todos os arrobiques modernos n'este mesmo anno para ali ser exposta ao publico.

Descendo mais quarenta metros approximados encontra-se a igreja do Senhor da Ladeira, consagrada ao Calvario. Ahi se mostra n'um pequeno oratorio de vidro, afogado entre chapéus e sapatinhos minusculos, o famoso Menino Jesus vestido á Bonaparte — de collete branco e corrente de ouro, — sorrindo á gente des seus trinta centímetros de tamanho. Corre que, pouco depois das invasões francezas, uma pobre mulher do Covello, de todas as vezes que ia ao Mont'Alto, levava os olhos presos do Menino. Até que um dia, falecada a vigilancia, se resolveu a levar o consigo para casa, onde a corporação o mandou buscar, sem se atrever a fazer mal algum á pobre mulher, que novamente se viu afastada, e para sempre, do seu querido Menino.

Para baixo encontramos as capellas da Queda,

do Senhor preso á columna, não existindo já a da varanda de Pilatos por ser derruida aquando da construção da estrada de carro. Para cá da Ribeira ainda mais uma que não me occorre ao certo o que representa. Depois a igreja da Agonia, que guarda verdadeiras preciosidades como o monolitho colorido do Christo, a imagem de S. Goldofre — o santo de Arganil — que nos começos do seculo XVII D. frei Nicolau de anta Maria já apodava de antiquissimo, e a teia D. João V, composta unicamente de quatro partes entalhadas separadamente.

A capella de S. João onde os apóstolos Pedro, João e Diogo estão dormindo pode ainda considerar-se, á falta de melhor collocação, no plano dos Passos: o Christo, ao erguer-se do spasmo da agonia, poderia bem exclamar encontrando-os a dormir ali perto — *Una hora non potuisti vigilarare mecum! Surgite!*

◎

Antes de terminar, quero ainda referir-me a uma curiosa collecção de pesos em bronze, doados por El-Rei D. Manuel á camara de Arganil, existentes no seu archivo o peso maior é uma caixa de fórma d'um cone truncado, que terá uma arroba, contendo oito pesos submultiplos a: é duas onças, que pesam tanto como a caixa — e perfazem o total de duas arrobas.

A seguinte inscripção cinta a parte exterior do peso maior:

Me* Mando* Fazer* Dom* Emãnoel* Rei* De* Portugal* Ano* D* 1499.

Esta caixa tem uma argola dupla, para a sua condução, que gira entre duas espheras armillares, e sobre a tampa, de cada lado, tem duas armas reaes em alto relevo, com nove castellos, como no tempo se usava, encimadas por flôres de liz.

◎

Justo é consignar-se aqui que o progresso de Arganil ha umas dezenas de annos a esta parte se tem reduzido quasi absolutamente á iniciativa individual e ás necessidades naturaes, visto que esta terra tem tido a boa sina de escolher para seus representantes ou *trumpfos* impostos pelo alto — o que lhe vale o desprezo dos poderes publicos, — ou ineptos que apenas abrem a bocca, — para na melhor das hypotheses dar outra fórma ao bigode — incapazes em absoluto de advogar as causas alheias por falta de energia para resolver as proprias.

Arganil, 1906. — Agosto, 21.

VEIGA SIMÕES.



Os pesos manuelinos da camara de Arganil